

Porque Escrevo

George Orwell

Desde uma idade muito nova, talvez com cinco ou seis anos, sabia que quando crescesse seria um escritor. Entre os dezassete e os vinte e quatro anos tentei abandonar esta ideia, mas fi-lo com a consciência que estava a afrontar a minha verdadeira natureza e que, mais cedo ou mais tarde, teria de assentar e escrever livros.

Era o filho do meio de três, mas havia uma diferença de cinco anos para os outros, e mal vi o meu pai antes dos oito anos. Por esta e por outras razões, estava um tanto sozinho, e cedo desenvolvi maneirismos desagradáveis que me tornaram impopular ao longo dos meus anos de escola. Tinha o hábito solitário das crianças de fazer histórias e manter conversas com pessoas imaginárias, e penso que desde o início as minhas ambições literárias estavam misturadas com sentimento de estar isolado e subestimado. Sabia que tinha uma facilidade com as palavras e uma força para encarar factos desagradáveis, e senti que isto criou uma espécie de mundo privado no qual podia reconfortar-me do meu desaire da vida do dia-a-dia. No entanto, a quantidade de material sério escrito – i.e. seriamente intencionado – que produzi durante toda a minha infância e adolescência não ultrapassaria cerca de meia dúzia de páginas. Escrevi o meu primeiro poema aos quatro ou cinco anos – ditei-o à minha mãe. Não consigo recordar nada acerca dele excepto que era acerca de um tigre e o tigre tinha “chair-like teeth” – uma frase suficientemente boa, mas imagino que o poema era um plágio do “Tigre, Tigre” de Blake. Aos onze anos, quando a guerra de 1914-18 rebentou, escrevi um poema patriótico que foi impresso no jornal local, assim como foi publicado outro, dois anos depois, sobre a morte de Kitchener. De tempos a tempos, quando era um pouco mais velho, escrevia, e, geralmente, sem os terminar, uns miseráveis “poemas da natureza” no estilo georgiano. Também tentei, por duas vezes, escrever um conto o que foi um falhanço horrível. Isto foi o total do pretenso material sério que na verdade escrevi durante todos esses anos.

Todavia, ao longo desse tempo, envolvi-me, em certo sentido, em actividades literárias. Para começar havia o material feito por encomenda que produzi rápida e facilmente e sem grande prazer pessoal. À parte do trabalho escolar, escrevi *vers d’occasion*, poemas semicómicos que podia produzir a uma velocidade que agora me parece estonteante – aos catorze anos escrevi uma peça toda em rima, uma imitação de Aristófanes, em cerca de uma semana – ajudei a editar revistas escolares, impressas ou

manuscritas. Estas revistas são o material burlesco mais desprezível que tu podes imaginar, e tive muito menos complicações com elas do que eu agora teria com o jornalismo mais reles. Mas a par com tudo isto, por cerca de quinze anos ou mais, estava a levar a cabo um treino literário de um tipo muito diferente: era o fazer de uma “história” contínua acerca de mim próprio, uma espécie de diário existente apenas na mente. Acredito que isto é um hábito comum das crianças e adolescentes. Enquanto criança muito nova costumava imaginar que era, digamos, Robin Hood, e retratar-me como o herói de aventuras emocionantes. Mas bastante cedo a minha “história” deixou de ser narcisista de um modo cruel e tornou-se cada vez mais uma mera descrição do que estava a fazer e das coisas que observava. Durante minutos de cada vez este tipo de coisa estaria a passar-se na minha cabeça: “ele empurrou a porta, abriu e entrou no quarto. Um feixe amarelo de luz do sol, filtrado pelas cortinas de musselina, inclinou-se sobre a mesa, onde uma caixa de fósforos, semiaberta, estava ao lado do tinteiro. Com a mão direita no bolso ele aproximou-se da janela. Em baixo, na estrada, um gato malhado estava a perseguir uma folha seca.” etc. etc. Este hábito continuou até cerca dos vinte e cinco anos, justamente através dos meus anos não-literários. No entanto, tive de procurar, e procurei, pelas palavras certas, parecia estar a fazer este esforço descritivo quase contra a minha vontade, sob uma espécie de compulsão do exterior. A minha “história” deve, suponho, ter reflectido os estilos dos vários escritores que admirava em diferentes idades, mas, até onde me consigo lembrar, sempre tive a mesma qualidade descritiva meticulosa.

Quando tinha cerca de dezasseis anos de repente descobri o gosto pelas palavras simples, i.e. os sons e associações de palavras. As linhas do *Paraíso Perdido*,

So Hee with difficulty and labour hard
Moved on: with difficulty and labour hee,

que agora não me parecem tão admiráveis, causavam-me arrepios, e a grafia de “hee” para “he” era um prazer adicional. Quanto à necessidade da descrição de coisas, já sabia tudo acerca disso. Assim está claro o tipo de livros que queria escrever, tanto quanto eu podia afirmar sobre a querer escrever livros nessa altura. Queria escrever enormes romances naturalistas com finais tristes, cheios de descrições detalhadas e comparações arrebatadoras e cheios de passagens rosadas nas quais as palavras eram usadas em parte devido ao seu som. Na verdade, o meu primeiro romance completo, *Dias na Birmânia*,

que escrevi quando tinha trinta anos, mas que foi projectado muito antes, é particularmente esse tipo de livro.

Forneço toda esta informação de fundo porque não penso que consigamos aceder aos motivos de um escritor sem conhecer alguma coisa do seu desenvolvimento inicial. O assunto dos seus textos vai ser determinado pelo tempo em que ele vive – pelo menos isto é verdade em tempos tumultuosos e revolucionários como são aqueles actuais – mas já antes de começar, ele terá adquirido uma atitude emocional da qual nunca mais conseguirá completamente escapar. É sua obrigação, sem dúvida, disciplinar o seu temperamento e evitar bloquear a um nível imaturo, assim como nalgum estado de espírito negativo: mas se ele também escapa das suas influências iniciais, terá morto o seu impulso para escrever. Colocando de lado a necessidade de ganhar a vida, penso que há quatro grandes motivos para escrever, pelo menos para escrever prosa. Em cada escritor eles existem em diferentes graus e as proporções variam com o tempo, de acordo com a atmosfera em que vive. Os motivos são:

1. Puro egoísmo. Desejo de parecer inteligente, ser falado, ser recordado após a morte e de te vingares dos mais crescidos que te ignoravam na infância, etc., etc. É hipocrisia pretender afirmar que este não é um motivo, e um motivo forte. Os escritores partilham esta característica com cientistas, artistas, políticos, advogados, soldados, homens de negócios bem sucedidos – em suma, com toda a fina flor da humanidade. A grande massa de seres humanos não é severamente egoísta. Após os trinta anos, eles abandonam a ambição individual – em muitos casos, na verdade, quase abandonam, de todo, o sentido de serem seres individuais – e vivem principalmente para os outros, ou são simplesmente sufocados por trabalho de escravo. Mas há também a minoria dos dotados, pessoas obstinadas que estão determinadas a viver as próprias vidas até ao fim, e os escritores pertencem a esta classe. Os escritores sérios, devo dizer, são, na generalidade, mais presunçosos e egocêntricos do que os jornalistas, apesar de menos interessados no dinheiro.

2. Entusiasmo estético. Percepção da beleza no mundo exterior, ou, por outro lado, nas palavras e no seu ajustamento correcto. Prazer no impacto de um som num outro, na firmeza de boa prosa ou no ritmo de uma boa história. Desejo de partilhar uma experiência que sentimos ser valiosa e que não deve ser perdida. O motivo estético é muito fraco em muitos escritores, mas mesmo um panfletário ou um escritor de manuais escolares terá palavras de estimacão e frases que o apelam por razões não utilitárias, ou pode sentir intensamente isso a respeito da tipografia, largura das margens, etc. Acima

do nível do guia de comboios, nenhum livro é totalmente livre de considerações estéticas.

3. Impulso histórico. Desejo de ver as coisas tal como elas são, descobrir os factos verdadeiros e guardá-los para a posteridade.

4. Propósito político – usando a palavra “político” no sentido mais vasto. Desejo de puxar o mundo numa dada direcção, alterar as ideias das outras pessoas para o género de sociedade por que devem afinal lutar. Uma vez mais, nenhum livro é genuinamente livre de inclinação política. A opinião de que a arte não deve ter nada a ver com a política é, em si mesma, uma atitude política.

Pode ser visto como estes diferentes impulsos devem conflitar entre si, e como devem variar de pessoa para pessoa e com o passar do tempo. Por natureza – tomando a tua “natureza” como sendo o estado que atingiste quando te tornaste adulto – sou a pessoa na qual os primeiros três motivos deviam pesar mais do que o quarto. Em tempos pacíficos, poderei ter escrito livros ornados e meramente descritivos, e poderei ter permanecido quase não consciente das minhas lealdades políticas. No entanto, o caso é que tenho sido forçado a tornar-me uma espécie de panfletário. Primeiro, passei cinco anos numa profissão despropositada (Policia Imperial Indiana, na Birmânia), e depois caí na miséria e experimentei o sentido do falhanço. Isto aumentou o meu ódio natural pela autoridade e fez-me pela primeira vez totalmente consciente da existência de classes trabalhadoras, e o trabalho na Birmânia deu-me algum entendimento da natureza do imperialismo: mas estas experiências não foram suficientes para uma apurada orientação política. Depois veio Hitler, a Guerra Civil espanhola, etc. Pelo fim de 1935 ainda não tinha conseguido tomar uma decisão firme. Lembro-me de um pequeno poema que escrevi na altura expressando o meu dilema:

A happy vicar I might have been
Two hundred years ago
To preach upon eternal doom
And watch my walnuts grow;

But born, alas, in an evil time,
I missed that pleasant haven,
For the hair has grown on my upper lip
And the clergy are all clean-shaven.

And later still the times were good,
We were so easy to please,
We rocked our troubled thoughts to sleep
On the bosoms of the trees.

All ignorant we dared to own
The joys we now dissemble;
The greenfinch on the apple bough
Could make my enemies tremble.

But girl's bellies and apricots,
Roach in a shaded stream,
Horses, ducks in flight at dawn,
All these are a dream.

It is forbidden to dream again;
We maim our joys or hide them:
Horses are made of chromium steel
And little fat men shall ride them.

I am the worm who never turned,
The eunuch without a harem;
Between the priest and the commissar
I walk like Eugene Aram;

And the commissar is telling my fortune
While the radio plays,
But the priest has promised an Austin Seven,
For Duggie always pays.

I dreamt I dwelt in marble halls,
And woke to find it true;
I wasn't born for an age like this;
Was Smith? Was Jones? Were you?

A guerra espanhola e outros acontecimentos em 1936-7 mudaram os acontecimentos e depois disso sabia em que ponto me encontrava. Toda a linha de trabalho sério que

tenho escrito desde 1936 tem sido escrita, directa ou indirectamente, *contra* o totalitarismo e a *favor* do Socialismo democrático, assim como o entendo. Parece-me sem sentido, num período como o nosso, pensar que alguém pode evitar escrever sobre tais assuntos. Todos escrevem acerca deles de uma maneira ou de outra. É simplesmente uma questão acerca do lado que se toma e do caminho que se segue. E quanto mais alguém está consciente da sua inclinação política, mais hipóteses tem de agir politicamente sem sacrificar a sua integridade intelectual e estética.

Aquilo que mais tenho procurado fazer ao longo dos últimos dez anos é transformar a escrita política numa arte. O meu ponto de partida é sempre um sentimento de espírito partidário, um sentimento de injustiça. Quando me sento para escrever um livro, não digo para mim mesmo, “vou produzir uma obra de arte”. Escrevo porque há alguma mentira que quero denunciar, algum facto que quero chamar atenção, e a minha preocupação inicial é de me fazer ouvir. Mas não conseguiria ter esse trabalho, escrever um livro, ou mesmo escrever um longo artigo de revista, se isso não fosse também uma experiência estética. Alguém que se importe em examinar o meu trabalho verá que mesmo quando se trata de manifesta propaganda política há muitos aspectos que um político profissional consideraria como irrelevantes. Não sou capaz de, e não o quero fazer, abandonar completamente a visão do mundo que adquiri na infância. Enquanto me mantiver vivo e são continuarei a sentir intensamente o estilo em prosa, a amar o cimo da Terra, e a retirar prazer de objectos sólidos e bocados de informação inútil. Não vale a pena tentar suprimir esse lado de mim mesmo. O difícil é reconciliar os meus inveterados gostos e aversões com as actividades essencialmente públicas, não-individuais, que neste tempo nos atingem a todos.

Não é fácil. Levanta problema de construção e linguagem e levanta, num modo novo, o problema da veracidade. Deixem-me dar só um exemplo do tipo de dificuldade grosseira que emerge. O meu livro acerca da Guerra Civil espanhola, *Homenagem à Catalunha*, é, claramente, um livro francamente político mas, no mais importante, é escrito com um certo afastamento e com uma preocupação pela forma. Tentei com muito esforço dizer nele toda a verdade sem violar os meus instintos literários. Mas, entre outras coisas, contém um longo capítulo, cheio de citações de jornais e demais, defendendo trotskistas que eram acusados de conspiração com Franco. Claramente tal capítulo, que depois de um ano ou dois perderia o seu interesse para o leitor comum, deve arruinar o livro. Um crítico que eu respeito deu-me uma lição acerca dele. “Por que puseste de todo esse material?”, ele disse. “Acabaste de transformar aquilo que

poderia ter sido um bom livro em jornalismo”. Ele tinha razão, porém não o conseguiria ter feito de outra forma. Tive a felicidade de conhecer, o que poucas pessoas em Inglaterra tiveram a permissão de conhecer, que homens inocentes estavam a ser falsamente acusados. Se não tivesse ficado zangado com isso, nunca deveria ter escrito o livro.

De uma forma ou de outra o problema surge de novo. O problema da linguagem é subtil e demoraria muito tempo a discuti-lo. Apenas desejo dizer que a respeito dos últimos anos tenho tentado escrever menos pitorescamente e com mais exactidão. De qualquer modo descobri com o tempo que quando tiveres aperfeiçoado algum estilo de escrever, tens sempre de o exceder. *O Triunfo dos Porcos* foi o primeiro livro no qual tentei, com plena consciência do que estava a fazer, fundir propósito político com propósito artístico num todo. Não tenho escrito um romance há sete anos, mas espero escrever outro dentro em breve. Está destinado a ser um falhanço, todo o livro é um falhanço, mas sei com alguma clareza o tipo de livros que quero escrever.

Olhando para trás ao longo das últimas páginas, vejo que posso ter parecido como se os meus motivos na escrita fossem todos dedicados à causa pública. Não quero deixar isso como impressão final. Todos os escritores são presunçosos, egoístas e preguiçosos, e no muito fundo dos seus motivos reside um mistério. Escrever um livro é uma luta horrível e exaustante como um longo ataque de uma doença dolorosa. Ninguém jamais empreenderia tal coisa se não fosse conduzida por algum demónio que não se pode resistir nem entender. Todos sabemos que o demónio é simplesmente o mesmo instinto que faz o bebé berrar por atenção. No entanto, também é verdade que ninguém consegue escrever alguma coisa legível a menos que lute constantemente para apagar a sua própria personalidade: boa prosa é como um vidro de uma janela. Não consigo dizer com certeza quais dos meus motivos são os mais fortes, mas sei qual deles merece ser seguido. Olhando para trás, para o meu trabalho, vejo, invariavelmente, que quando não tive um propósito político escrevi livros sem vida e fui traído por passagens rosadas, frases sem significado, adjectivos decorativos e, em geral, tolices.

Orwell, G. (1946), “Why I Write” in Orwell, G., *Why I Write*, (Inglaterra: Penguin, 2004), p. 1-10.

Tradução: Eduardo Castro

(Nov. 2006)